

ENSINO INCLUSIVO: ASPECTOS RELEVANTES

Fernanda Piovesan Dota; Denise Maria Alves Álvaro

RESUMO - O tema inclusão tem gerado muitas discussões no meio acadêmico, na política e na sociedade em geral; existe grande dificuldade em definir o termo inclusão e o quanto este processo tem exercido de maneira efetiva aquilo a que foi proposto. Embora com muitas falhas, os autores discutem o ensino inclusivo como um benefício para todos os envolvidos. A educação especial no Brasil, a partir da década de 60 do século passado, produziu a marginalização e, conseqüentemente, a homogeneização, sendo estes vistos até hoje como produtos de uma construção histórica e política da sociedade. Profissionais despreparados e desmotivados são alvos de críticas na sociedade quando o assunto é a inclusão de portadores de necessidades especiais na rede pública. Existe a necessidade de cursos preparatórios e seminários sobre o assunto no que se refere à aquisição de informação a respeito deste novo processo.

UNITERMOS: Docente. Educação. Crianças portadoras de deficiência. Adaptação.

*Fernanda Piovesan Dota – Psicóloga pela ACEG/ FASU
- Faculdade de Ciências da Saúde – Garça, SP.
Denise Maria Alves Álvaro – Psicóloga pela UNESP –
Campus de Assis, SP; Mestre em Psicologia Social pela
PUC – Campus São Paulo, SP; Docente da Faculdade
da Alta Paulista, Tupã, SP.*

*Correspondência
Fernanda Piovesan Dota
Telefone: (14) 3231-2199
E-mail: fer.dota@hotmail.com*

INTRODUÇÃO

Seja no meio acadêmico, político ou na sociedade, de um modo geral, questões sobre deficiência têm sido o enfoque de muitos debates e estudos, principalmente quando relacionadas à inclusão de portadores de necessidades especiais na Rede Pública.

Existe grande dificuldade em definir o termo inclusão e seu papel na sociedade. Muito mais do que simplesmente colocar um aluno portador de necessidades especiais em uma sala regular, este deveria ter acesso às oportunidades, assim como qualquer aluno, com seus direitos e deveres garantidos. No entanto, o que se nota é uma outra realidade.

Escolas despreparadas, assim como profissionais despreparados e desmotivados são alvos de críticas da sociedade quando o assunto é educação inclusiva. Por este motivo, existe grande importância em se falar do papel que o professor vem exercendo ao longo da história educacional, bem como as dificuldades que os mesmos se deparam durante a vida acadêmica.

Quanto à educação inclusiva, segundo Stainback & Stainback¹, os professores mostram-se temerosos, pois as responsabilidades são maiores. Além do mais, ter um aluno incluído pode ser o motivo de mudança na rotina desses professores, que não estão preparados para recebê-los e ensiná-los.

Apesar da posição favorável de muitos professores quanto à inclusão, os mesmos desconhecem o próprio papel nesse processo, papel este que é essencial e singular, sendo de extrema importância uma análise de como o professor tem exercido e vem exercendo seu papel no campo da educação.

O presente trabalho apresenta uma revisão de literatura sobre os aspectos relevantes da educação inclusiva, como por exemplo, as opiniões de autores sobre o processo de inclusão e sua definição, o papel do professor, assim como o preparo deste profissional e as dificuldades encontradas para exercer suas atividades acadêmicas. Trata-se de um assunto de grande importância, uma vez que os portadores de necessidades especiais fazem parte da sociedade e possuem direito à educação

como qualquer outro cidadão, além do mais, o que se nota é que o processo de inclusão não tem conseguido realizar aquilo que se propôs, ou seja, incluir o portador de necessidades especiais no ensino regular de maneira efetiva. É um trabalho importante para psicólogos, pedagogos e principalmente para professores, que de acordo com pesquisa bibliográfica realizada, se mostram despreparados e temerosos quanto ao processo de inclusão.

DISCUSSÃO

Para Ribas² é muito complexo falar sobre o indivíduo portador de necessidades especiais; a questão da definição é um dos problemas questionados pelo autor, uma vez que esta trata de uma imagem que a sociedade faz das pessoas. A partir da década de 70 do século passado, muitos estudiosos começaram a repensar os termos utilizados para a tal definição, no entanto, estes continuavam não dando conta da realidade total dos portadores de necessidade especiais.

Mais complexo ainda é falar sobre a inclusão escolar das pessoas portadoras de necessidades especiais, uma vez que a sociedade exclui, marca e segrega essa parcela da população. Para Mantoan³ o termo inclusão é o ato ou efeito de incluir, ato pelo qual um conjunto contém ou inclui o outro; e, se levarmos em conta essa idéia, integrar um portador de deficiência à sociedade, seria integrá-lo de maneira a dar acesso aos serviços de mercado de trabalho, escola e lazer; que fosse um indivíduo aceito na sociedade, com direitos e deveres, capaz de uma vida produtiva e independente. Mittler⁴ ainda faz uma comparação entre os conceitos de integração e inclusão, em que integrar é preparar o aluno para ser colocado na escola regular, devendo ele adaptar-se a ela e não querer que a escola mude para assim acomodá-lo; já incluir significa preparação adequada aos professores e apoio de seus diretores, das autoridades locais e também dos coordenadores pedagógicos fazendo todos os alunos se sentirem incluídos e bem vindos à escola, por meio das reformas propostas em termos de avaliação, pedagogia, agrupamentos e sala de aula.

De acordo com Batista & Enumo⁵, historicamente, a proposta de integração escolar foi elaborada em 1972, na Educação Especial, por um grupo de profissionais da Escandinávia. Segundo as autoras, este princípio apregoa que todas as pessoas portadoras de deficiências têm o direito de usufruir condições de vida o mais comum ou normal possível, na sociedade em que vivem, tendo a possibilidade e oportunidade de suas necessidades reconhecidas e atendidas pela sociedade.

A partir da década de 60 do século passado, a educação especial no Brasil ganhou certa importância. Mantoan³ fala em uma sociedade industrial que procurava oferecer escolaridade a toda população, uma vez que exigia maior qualificação, mas, que por outro lado, produzia a marginalização, inerente às formas pelas quais a sociedade se organizou. Sociedade esta baseada na produtividade, onde só poderia ser considerado cidadão o indivíduo produtivo, conseqüentemente uma escola produtiva, fazendo surgir uma visão de homogeneização, que produzia a exclusão.

Nos anos 70, o movimento de integração provocou diminuição do número de escolas e de classes especiais; embora continuassem a frequentar as classes especiais, alunos com dificuldades leves foram encaminhados para as classes regulares. Neste período, a integração escolar significava apenas frequentar uma classe especial em uma escola comum. No ano de 1980, a classe regular é conhecida como o melhor ambiente pedagógico para os alunos com necessidades especiais, desde que apresentassem um comprometimento mais leve. Na década de 90, trata-se do modelo de inclusão como uma resposta às necessidades pedagógicas de todos os alunos, por meio de atividades comuns, embora adaptadas.

Stainback & Stainback¹ discutem o ensino inclusivo como um benefício para todos os alunos, professores e para a sociedade. Com a educação inclusiva os deficientes têm a oportunidade de preparar-se para a vida na comunidade, além do mais, os professores melhoram suas habilidades profissionais e a sociedade se conscientiza com a igualdade para todas as pessoas. Os autores

acreditam que nas salas de aulas integradas as crianças se enriquecem, pois existe a oportunidade de aprender umas com as outras.

Muitos professores de ensino regular relatam a importância vista no estímulo que as outras crianças proporcionam aos portadores de necessidades especiais e, como estes não querem "ficar para trás" em relação aos outros alunos, acabam fazendo o que as outras crianças fazem. A inclusão, de acordo com a visão de Stainback & Stainback¹, conduz à independência e à competência, e não ao isolamento, que causa uma sensação de inferioridade, como o que acontece em turmas segregadas, que afetam a motivação da criança para aprender, retardando o desenvolvimento educacional e mental. Os locais segregados alienam o aluno, pois recebem pouca educação útil para a vida real, já a educação inclusiva valoriza a diversidade, a cooperação e o respeito pelos que são diferentes.

O que está em questão no ensino inclusivo, para Stainback & Stainback¹, é oferecer aos alunos os serviços de que necessitam, proporcionando aos professores atualizações em suas habilidades. A escola está mudando, passando por grandes transformações sociais e por isso a necessidade dos professores em adquirir novas habilidades para trabalhar, se beneficiando, pois estes têm a oportunidade de planejar as suas aulas em equipe, ou seja, um professor tem a possibilidade de apoiar outro e aprender com o outro.

Quanto à educação inclusiva, segundo Stainback & Stainback¹, os professores mostram-se temerosos, pois as responsabilidades são maiores, além do mais, ter um aluno incluído pode ser o motivo de mudança na rotina desses professores, que não estão preparados para recebê-los e ensiná-los.

Nóvoa⁶ faz uma crítica quanto ao erro cometido durante a história, quando se dizia que as grandes nações eram grandes por possuírem escolas bem estruturadas. Não era levado em conta o contexto sociocultural. Portanto, o que foi proposto pelo autor é a reflexão, na medida em que se interrogam as relações entre a escola e a sociedade, a partir da análise da profissão do docente, que via a escola ora como salvadora, ora como mera reprodutora e

os professores passavam por uma crise de identidade. Na relação desses dois argumentos o autor procura mostrar que qualquer mudança na educação tem que passar por um investimento na arena educativa.

A escola cresceu na crença de que os professores se achavam onipotentes e responsáveis pelo progresso; não participavam das festas da burguesia e não se misturavam com a sociedade, evitando a vinculação com o povo e os interesses do grupo. Assim, Nóvoa⁶ acredita que a ligação entre o Estado e os professores conduziu à marginalização das famílias e, conseqüentemente, da sociedade. Daí a importância em se encontrar novas respostas para um velho problema, falando da crise pela qual a profissão do docente vem passando.

Ao se falar da crise do professor, Nóvoa⁶ destaca sua história e o quanto este exercia uma função de autoridade perante os alunos e até mesmo em seus familiares, principalmente naqueles considerados de baixa renda, fato que se iniciou com a profissionalização do professorado.

Continuando com a reflexão sobre o papel do professor, a racionalização do ensino tem feito dos professores, técnicos, cujo objetivo de sua profissão é a aplicação rigorosa de idéias e procedimentos que são elaborados por outros profissionais. Esses profissionais não sabem da real necessidade daquela escola ou sala de aula, como podem preparar algo adequado? Não conhecem as condições socioculturais daquelas crianças, ou seja, o contexto em que vivem, suas relações, tanto familiares, como de amizades, financeiras, de saúde e uma infinidade de outras que devem ser levadas em conta para propiciar um ambiente adequado a ser utilizado na aprendizagem, para que esta aconteça com sucesso⁶.

Os fundamentos teóricos da educação inclusiva centralizam-se na concepção de educação de qualidade para todos, porém, segundo Sant'Ana⁷, cada vez mais existe uma preocupação quanto à preparação dos profissionais e dos educadores, em especial do professor de classe comum. O que a autora propõe em discussão é a ausência de formação especializada para trabalhar com essa clientela.

Em uma pesquisa realizada por Sant'Ana⁷ é possível notar que a maioria dos participantes, ou seja, professores e diretores, evidencia uma posição favorável à inclusão dos alunos portadores de necessidades especiais na educação comum. Os resultados mostraram que os professores estão cientes de seu despreparo, no entanto, conscientes da necessidade de profundas transformações na política e no sistema de ensino vigente.

Existe uma quantidade significativa de professores que ainda apresenta conceitos errôneos quanto ao portador de necessidades especiais e, isso se deve à falta de informação quanto ao assunto e sua definição. Acredita-se que os professores estão passando por um processo de mudança de valores que tem afetado sua prática profissional, por isso Herrero⁸ acredita em uma necessidade de mudança nos programas de formação para o surgimento de profissionais mais preparados para enfrentar as perspectivas da diversidade de uma escola integrada e tolerante. Além do mais, seminários, cursos preparatórios e conferências sobre o assunto são de extrema importância para a aquisição de informações a respeito deste novo processo.

CONCLUSÃO

Embora o tema inclusão seja amplamente discutido no meio acadêmico, político e social, nota-se a falta de informação e a distorção quanto ao verdadeiro significado deste processo, bem como do próprio termo "deficiente". Ainda faltam palestras, seminários e cursos informativos para o esclarecimento correto do assunto, principalmente aos professores, peças essenciais no processo de ensino-aprendizagem, que lidam diretamente com a inclusão.

No entanto, pode-se afirmar que o problema quanto ao processo em si, é algo construído historicamente, na sociedade, com o monopólio político e suas ideologias distorcidas, voltadas para interesses próprios. Nota-se aí a intervenção do Estado na vida social e razão da crise pela qual a identidade do professor vem passando ao longo dos anos.

O professor desconhece a real necessidade de seus alunos, a cultura e a história de vida deles.

Para o ensino-aprendizagem acontecer com sucesso é necessário que o professor prepare aulas que se adaptem aos alunos, inclusive àqueles portadores de necessidades especiais que foram incluídos em sua sala. Que o professor não seja apenas mero consumidor, mas produtor do saber, crítico e reflexivo, consciente da realidade de seus alunos.

Para acabar com ensino de baixa qualidade é preciso que os professores não só conheçam a

matéria que ensinam, mas que compreendam como se deu este conhecimento, ou seja, que transformem esse conhecimento em ensino para todos os seus alunos.

A pesquisa realizada mostra uma grande necessidade de estudos mais profundos sobre o papel do professor frente à educação inclusiva; em como esses profissionais estão exercendo sua profissão e como interferir nesse processo para um ensino inclusivo de qualidade e efetivo.

SUMMARY

Inclusive education: relevant aspects

The matter inclusion has generated much discussion in academia, politics and society in general; there is great difficulty in defining the term inclusion and how this process is exercised in an effective manner what it was proposed. Although with many flaws, the authors discuss the inclusive education as a benefit for all involved. The special education in Brazil, from the decade of 60, produced the marginalization and consequently the homogenization, which are seen to date as products of a historical and political construction of society. Professionals unprepared and demotivated are targets of criticism in society when it comes to the inclusion of individuals with special needs in the Public Network. There is a need for preparatory courses and seminars regarding the acquisition of information about this new process.

KEY WORDS: Faculty. Education. Disabled children. Adaptation.

REFERÊNCIAS

1. Stainback S, Stainback W. Inclusão: um guia para educadores. Porto Alegre: Artmed; 1999.
2. Ribas JBC. O que são pessoas deficientes. São Paulo: Brasiliense; 1983.
3. Mantoan MT. A integração de pessoas com deficiência. São Paulo: Mennon; SENAC; 1997.
4. Mittler P. Educação inclusiva: contextos sociais. Porto Alegre: Artmed; 2003.
5. Batista MW, Enumo SRF. Inclusão escolar e deficiência mental: análise da interação social entre companheiros. Estudos de Psicologia. 2004;9(2). Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php> Acesso em: 1 maio 2006.
6. Nóvoa A. Relação escola-sociedade: novas respostas para um velho problema. Psicologia Cidadã – cadernos de formação. Educação e sociedade. São Paulo: Unesp; 2002. p.60-74.
7. Sant'Ana IM. Educação inclusiva: concepções dos professores e diretores. Psicologia em Estudo. 2005;10(2). Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php> Acesso em: 1 maio 2006.
8. Herrero MJP. Educação de alunos com necessidades especiais. Bauru: EDUSC; 2000.

Trabalho realizado na ACEG / FASU - Faculdade de Ciências da Saúde, Garça, SP.

Artigo recebido: 7/12/2008

Aprovado: 15/3/2009 ■